



Arte da Caça de Altenaria: um exemplar português de literatura cinegética do século XVII

Arte da Caça de Altanaria: un ejemplar portugués de literatura cinegética del siglo XVII

Arte da Caça de Altanaria: an portuguese example of cinegetics literature of XVII Century

Alice TAVARES¹

Resumo: O presente artigo tem o objetivo principal de dar a conhecer a *Arte da Caça de Altenaria*, de Diogo Fernandes Ferreira, lançando pistas e questões para futuras investigações sobre a atividade cinegética com recurso às aves. Pretendemos também salientar a importância da caça na sociedade portuguesa na época moderna, sobretudo, num determinado momento, em que esta modalidade estava como que adormecida. Trata-se, portanto, de uma obra de literatura portuguesa sobre a caça, redigida por um falcoeiro régio, no primeiro quartel século XVII (1616).

Abstract: This article has the objective of showing the Hunting art of Diogo Fernandes Ferreira, and also to send some clues and questions to future investigations about the hunting activity with the use of poultry. We also want to emphasize the importance of hunting in the Portuguese modern society, mainly in a certain moment, in which this activity was “sleeping”. This is a work of Portuguese literature about hunting, written by a royal falconer in the first quarter of the XVII century.

Keywords: Cinegetics literature – Hunting – Falconry – Birds.

Palabras-chave: Literatura cinegética – Caça – Falcoaria – Aves.

ENVIADO: 10.09.2015
ACEPTADO: 10.10.2015

¹ Doutora em História. Medievalista pela Universidade de Lisboa. Investigadora do Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa e da Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste» da Universidade de Lisboa. *E-mail:* alice.tavares@gmail.com.

A *Arte da Caça de Alenaria* consiste num tratado de falcoaria de origem portuguesa do século XVII, dirigido a D. Francisco de Mello, Marquês de Ferreira, Conde de Tentúgal, etc. De autoria de Diogo Fernandes Ferreira, caçador e moço da Câmara do rei, D. Filipe II (1598-1621), foi redirigido em 1616. Esta obra tinha uma função didática, cujos objetivos consistiam em formar e educar a futuros caçadores e falcoeiros na domesticação, no treino, na alimentação, no tratamento e no cuidado das diversas aves de cetraria e dos seus habitats, fossem elas originárias de Portugal ou oriundas de fora do reino.

Esta atividade exigia um treinamento próprio, uma vez que implicava o uso de animais específicos – as aves de rapina diurnas, principalmente, os falcões, os açores e os gaviões – que eram encaradas como instrumentos de trabalho na captura de presas, assim como os cães e os furões, auxiliando os caçadores no desempenho deste ofício. Estas aves funcionavam como um instrumento precioso para o caçador, pois conseguiam perseguir e apanhar as presas no ar, graças aos seus voos altos ou baixos, consoante o tipo de presa (outras aves ou pequenos mamíferos, tais como coelhos e lebres). O trabalho de açores, falcões e gaviões era assim complementado com a ajuda de cães, normalmente, podengos e galgos, aptos para buscarem e apanhem os animais, ajudando as aves de presa e entregando-os aos seus donos.² Também era comum usar furões na caça de coelhos e lebres ao espantá-los das suas tocas, expondo-os ao alcance das aves de rapina.

A literatura cinegética em Portugal não tem merecido muita atenção por parte da historiografia portuguesa e dos especialistas na área da literatura, carecendo de estudos e de uma análise mais profunda dos seus textos. São poucas as referências bibliográficas sobre estas temáticas, indo um pouco mais além de algumas menções e levantamentos associados à prática da caça nas perspetivas histórica e económica e, em especial, à falcoaria.³ Já começaram, porém, a surgir alguns trabalhos sobre este tema, embora haja ainda a necessidade de conhecer melhor este tipo de obras, pois estamos diante de fontes importantes para termos uma noção mais clara e profunda sobre as relações entre os homens e os animais, em particular as aves de cetraria, sobretudo numa ótica transdisciplinar, sem esquecer o interesse da literatura como

² Diogo FERNANDES FERREIRA, *A Arte da Caça de Alenaria*, Lisboa, Livros Horizonte, 2006; José Manuel FRADEJAS RUEDA, “Placear, voz de la cetrería moderna”. In: *Archivo de Filología Aragonesa*, I, Zaragoza, 2002-2004, p. 423.

³ Carlos CRESPO, *Falcoaria. Arte Real*, Lisboa, CTT, 2013; *Idem*, *A arte da falcoaria*, Lisboa, Edições Inapa, 1999; BAETA NEVES, “Subsídios para a história da falcoaria em Portugal”. In: *Separata do Boletim da Sociedade de Geografia* em Lisboa, 1983, p. 21-46.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

disciplina essencial para a compreensão das mesmas. Não obstante, em Espanha, podemos encontrar variados estudos sobre os livros de cetraria, desde o período medieval, em especial, a obra *Livro de Falcoaria* (1345-1383) do português Pero Menino, falcoeiro do rei D. Fernando, entre outras obras.

Estes trabalhos incidem particularmente em estudos de filologia e de literatura, onde se faz uma análise dos tratados, indo um pouco mais além ao fazer uma contextualização histórica do momento em que foram redigidos e dos seus respetivos autores.⁴ Mais recentemente, deparamo-nos também com outro tipo de estudos, mas numa outra perspetiva, evocando um exame de cariz diferente sobre o mundo animal e as suas relações com o ser humano, centrando a atenção na saúde dos animais, nas suas potencialidades económicas, na proteção e preservação dos mesmos e do entorno natural.⁵

Os tratados de caça proporcionam-nos ainda outras indicações fundamentais para o estudo desta atividade económica, importante para garantir as necessidades de abastecimento e consumo das populações. Por outro lado, caça de cetraria era uma atividade lúdica para determinadas camadas populacionais, constituindo um divertimento e uma espécie de «desporto» para reis, príncipes e membros da nobreza. Através deste tipo de fontes podemos ainda conhecer a perceção e o quotidiano das populações com os animais e as diversas formas de tratamento que lhes era administrado.⁶

⁴ Vejamos, a modo de exemplo, os estudos de Juan Manuel FRADEJAS RUEDA, *El Arte de Cetrería de Federico II*, Madrid, Biblioteca Apostólica Vaticana, 2004; *Idem*, “La versión castellana del Livro de Falcoaria de Pero Menino de Gonzalo Rodríguez de Escobar”. In: *Incipit. Boletín anual del Seminario de Edición y Crítica Textual*, vol. 30, Buenos Aires, 2010, p. 40-109; *Idem*, “Aproximación a la literatura cetrera portuguesa.” In: *eHumanista. Journal of Iberian Studies*, vol. 8, 2007, p. 197-226. Internet: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2380287>; Déborah DIETRICK SMITHBAUER e José Manuel FRADEJAS RUEDA, “Bases para una edición crítica del Libro de la caza de aves de Pero López de Ayala”. In: *Revista de Filología Española*, N°1, Madrid, 2012, p. 43-70.

⁵ *El medio natural en la España medieval. Actas del I Congreso sobre ecohistoria e historia medieval*. Ed. Julián Clemente Ramos, Cáceres, Universidade de Extremadura, 2001; Ricardo M. OLMOS DE LEÓN, “Medicina animal en la Baja Edad Media Hispánica y su relación con la medicina humana: aves, perros y caballos”. In: *Anuario de Estudios Medievales*, n° 43, Fasc. 1, Madrid, 2013, p. 199-241; Lorena ÁLVAREZ, “Motivaciones simbólicas y materiales en la apropiación de aves de cetrería en la temprana Edad Moderna”. In: *Clio & Crimen*, n° 11, Durango, 2014, p. 59-78. Internet: http://www.durango-udala.net/portalDurango/RecursosWeb/DOCUMENTOS/1/1_8035_3.pdf.

⁶ Neste sentido, podemos já encontrar alguns trabalhos, tais como: Dolores-Carmen MORALES MUÑIZ, “Zoohistoria. Reflexiones acerca de una nueva disciplina auxiliar de la ciencia histórica”. In: *Espacio, Tiempo y Forma. Serie III. Historia Medieval*, vol. 4, Madrid, 1991, p. 367-383; Arturo



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

Com este texto pretendemos assim dar a conhecer esta obra portuguesa de caça de falcoaria de setecentos, redigida durante o reinado de Filipe II (1598-1621), analisando as características e potencialidades deste tratado objeto de estudo, para que possa servir de ponto de partida para futuras investigações.

Estruturaremos assim o presente trabalho em duas partes. Em primeiro lugar, procuraremos contextualizar a obra objeto de análise, dando a conhecer a existência de outros exemplares antecessores, remontando à Idade Média. Num segundo momento, procederemos ao exame da estrutura deste tratado de caça sobre as aves de rapina, evidenciando as suas características e as temáticas abordadas, tais como, a criação o adestramento destes animais, os tratamentos, os cuidados, indo um pouco mais longe ao fazer menção a outras espécies ornitológicas ao longo da obra, sobretudo na sexta e última parte, sobre as aves em geral, provenientes de fora do reino, mas que aqui nidificavam.⁷

I. A Arte da Caça de Altenaria e o seu contexto

A literatura cinegética portuguesa constituiu um fenómeno de reduzida expressão em Portugal, como acabamos de referir anteriormente, apesar de a falcoaria ser uma atividade ainda mais remota, sendo praticada desde antes da presença muçulmana na Península Ibérica. Sabemos que os muçulmanos mantiveram uma estreita ligação com esta arte, especialmente, na caça e na domesticação de falcões.

Este género literário teve continuidade na Idade Média, embora tivessem chegado poucas obras até aos dias de hoje. Sabemos somente do tratado trecentista português elaborado por Pero Menino, no reinado de D. Fernando. Segundo Diogo Fernandes Ferreira, este rei tinha “trezentos Falcões, cento que caçavam grou e cento que eram garceiros, e outro cento altaneiros, que é toda a voaria”.⁸ D. Fernando encomendou assim ao seu falcoeiro o referido tratado de falcoaria, com a finalidade de dar a conhecer as aves de cetraria, as suas funções e potencialidades cinegéticas; os seus habitats, as doenças, e os cuidados que estes animais deveriam ter aos caçadores e aprendizes da cetraria.

MORGADO GARCÍA, “Visiones del mundo animal en la España Moderna”. In: *Revista de Historia Moderna. Anales de la Universidad de Alicante*, N°29, Alicante, 2011, p. 121-137. Internet: http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/25518/1/RHM_29_05.pdf.

⁷ Diogo FERREIRA FERNANDES, *Arte da Caça de Altaneria*, Lisboa, Livros Horizonte, 2006.

⁸ Diogo FERNANDES FERREIRA, *op. cit.*, p. 28.

Este exemplar do século XIV teve sua repercussão na Península Ibérica, dando lugar a novas obras, mas com as suas adaptações. Uma delas da autoria de Gonzalo Escolar e outra do cronista, Pero López de Ayala, que serviu de inspiração na redação do *Libro de la Caza de las Aves* (1383-1385), quando esteve preso em Óbidos, após à Batalha de Aljubarrota, em 14 de agosto de 1385.

Em Espanha, a prática da caça contou também com a elaboração de outros exemplares, a partir do século XIV. São eles: *Libro de Caza* de D. Juan Manuel (1325-1326), *Libro de Montería* de Afonso XI (1342-1350), entre outros. Em Castela e Aragão, este tipo literatura foi bastante apreciado, assim como no resto da Europa (França e Itália, por exemplo) durante as épocas medievá e moderna.

Em Portugal, temos conhecimento do livro, *A Arte da Caça de Altenaria*, objeto da nossa consideração, do período moderno, publicado no primeiro quartel do século XVII, em 1616. Não obstante, esta obra surge-nos como que isolada num momento particular de declínio e desinteresse desta modalidade cinegética com recurso a aves rapaces, logo após à morte do rei D. Sebastião (a de agosto de 1578)⁹, suscitando algumas dúvidas e hipóteses sobre as razões da inapetência pela falcoaria, como se pode comprovar através das palavras do próprio autor. Ou seja, com “o desejo de desenterrar esta sciencia da sepultura do esquecimento (em que hoje n’este reino estava) que cubiçoso do interesse nem vangloria de ser o primeiro que puzesse esta pratica da caça das aves em feição (...)”.¹⁰ Uma das explicações adiantadas para este interregno reside no simples desinteresse dos membros da nobreza por esta prática ou numa valorização dos padrões e influências da falcoaria trazidas do reino de Espanha, aquando da dinastia filipina (1580-1640).¹¹

Apesar da apresentação destas duas suposições, estamos diante de uma questão que está ainda em aberto, uma vez que não se compreende bem este desinteresse pela falcoaria, quando se trata de um tipo de caça bastante estimado e praticado no reino, desde antes da monarquia. Tratou-se de uma atividade especializada e bastante solicitada que necessitava de profissionais especializados para cuidar e ensinar a treinar as aves de rapina para a caça, sob as ordens dos seres humanos. Sabemos assim que o Infante D. Luís, por exemplo, irmão do rei D. João III (1521-1557), tinha a seu cargo oitenta caçadores assalariados e moços da câmara para tratar dos seus falcões, no paço

⁹ Diogo FERNANDES FERREIRA, *op. cit.*, p. 28.

¹⁰ Diogo FERNANDES FERREIRA, *op. cit.*, p. 21.

¹¹ Carlos CRESPO, *op. cit.*, p. 54.

e na sua casa.¹² Na segunda metade do século XVIII assistimos, porém, ao renascimento da falcoaria durante o reinado de D. José (1750-1777), com o desenvolvimento da instância da Falcoaria Real de Salvaterra de Magos e com a chegada de falcoeiros do estrangeiro com novas técnicas e aves com características diferentes.

Toda esta produção literária acabada de apresentar deixa clara que a caça de falcoaria era uma atividade praticada por todos, segundo os recursos de cada um, pois consistia numa prática que exigia normalmente recursos económicos elevados para adquirir e tratar destes animais. No entanto, não deixamos de estar diante de uma atividade generalizada, possibilitando as camadas mais inferiores de ter e fazer negócio com os gaviões, esmerilhões e outras espécies mais comuns e de menor valor. Por outro lado, e apesar de atualmente serem escassos os livros sobre esta arte, podemos falar de uma atividade com objetivos mais amplos, indo mais além da necessidade de consumo das populações. Esta era também entendida como uma modalidade lúdica, desportiva e necessária à “saúde do corpo e alma, contrário da ociosidade”¹³, garantindo assim o entretenimento e a ocupação de reis, príncipes, aristocratas e de outras senhores.

Após esta breve contextualização, incidindo, sobretudo a nossa atenção cronológica nos períodos medieval e moderno, centraremos a nossa análise na composição e na organização da obra seiscentista em estudo.

II. A Arte da Caça de Altenaria e as suas características

O tratado *A Arte da Caça de Altenaria* consiste numa espécie de manual, onde se ensina a lidar e a conviver com as aves de rapina, utilizadas essencialmente na prática da atividade cinegética, tais como gaviões, açores e falcões. Ou seja, esta obra pretende assim ensinar a conhecer, adestrar, domesticar, a caçar, a alimentar, a fazer os cuidados de higiene, a tratar das enfermidades e as suas respetivas curas das referidas aves.

O autor não se fica por aqui ao mencionar outras espécies não tão comuns na caça, entre as quais, os esmerilhões, os milhafres, as ógeas, as aves de rapina noturnas (strigiformes: corujas, mochos, etc.) mais utilizadas para atrair outras aves, entre outros exemplos. Também, podemos encontrar mais considerações sobre outro tipo

¹² Diogo FERNANDES FERREIRA, *op. cit.*, p. 153.

¹³ Diogo FERNANDES FERREIRA, *op. cit.*, p. 28.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

de fauna ornitológica, designada por Diogo Fernandes Ferreira, de aves peregrinas. Ou seja, as aves migratórias.

Este tratado, elaborado por um falcoeiro profissional da confiança do rei, destina-se a um público muito particular, com o objetivo de divulgar os seus conhecimentos adquiridos ao longo da sua experiência em cuidar e tratar deste tipo de aves. Diogo Fernandes tinha portanto a finalidade de formar a novos falcoeiros, caçadores, reis, príncipes, nobres, clérigos e a outras pessoas interessadas, uma vez que nem todos estavam habilitados a conviver, a treinar e a chamar até si este tipo de animais, habituados a viver em liberdade, tirando-lhes o melhor partido na captura de presas e a reconhecer os seus donos, no desempenho de uma prática que depende em muito da capacidade humana.

Daí, a necessidade de o autor registar por escrito, num livro, os seus conhecimentos e ensinamentos sobre esta forma de caça para servirem de exemplo e serem postos em prática para não se perderem no tempo, com o fim de incentivar e reavivar o desempenho desta atividade. O despertar para a caça de altanería servia ainda para ocupar os membros da nobreza, os príncipes e os reis em algo que fosse profícuo e útil, em detrimento do ócio.¹⁴ As mulheres não foram também esquecidas. O autor dedica um capítulo sobre as aves rapaces que estavam aconselhadas aos elementos do sexo feminino, tais como os esmerilhões, devido ao facto de serem mais pequenas que as demais espécies e de não terem unhas que possam magoar as mãos, mas com características semelhantes aos falcões, açores e gaviões.¹⁵

Por outro lado, há que frisar que a caça é uma atividade importante que funcionava como uma espécie de treino e de preparação militar para o desenvolvimento de destreza, de capacidades físicas e de outros atributos, tais como a paciência, a perseverança, a disciplina, a obediência, a superação de adversidades climatéricas, entre outras aptidões.¹⁶ Não foi, portanto, por acaso que Diogo Fernandes mencionou o exemplo do Infante D. Luís, filho do rei D. Manuel, que ficou sem comer e sem dormir alguns dias, por causa da caça, defendendo que os “homens não podiam bem

¹⁴ Diogo FERNANDES FERREIRA, *op. cit.*, p. 28.

¹⁵ Diogo FERNANDES FERREIRA, *op. cit.*, p. 40-41.

¹⁶ Diogo FERNANDES FERREIRA, *op. cit.*, p. 28-29; María Luz RODRIGO ESTEVAN, “Cazar y comer caza en el Aragón medieval: fueros, normativas, prácticas y creencias”. In: *El Ruejo. Revista de Estudios Históricos y Sociales* 5, 2004, p. 85.

exercitar a guerra se não acostumassem ao trabalho da caça”.¹⁷ Daí, a importância dos tratados de caça, como o nosso objeto de estudo.

III. A *Arte da Caça de Altanería* e principais linhas de discussão

Neste sentido, *A Arte da Caça de Altanería* está organizada em seis partes. São as seguintes: “Criação dos gaviões e sua caça; Açores e caça; Falcões e Caça; Doenças e mezinhas; Armadilhas e técnicas de caça de aves e Que trata da peregrinação das aves em geral”.¹⁸ Antes de avançarmos para a nossa análise, a obra em estudo contém um prólogo e uma explicação sobre os conceitos e termos técnicos usados nesta modalidade cinegética. Não esquecemos também de chamar a atenção para uma nota preliminar e outros documentos referentes ao diploma que outorga o alvará do rei, emitido em 1616, permitindo ao autor a impressão do seu livro e garantindo os seus «direitos de autor».

Passemos à descrição das partes que compõem a estrutura do tratado, com o fim de dar a conhecer o seu conteúdo. Os três primeiros capítulos são referentes aos gaviões, açores e falcões. Diogo Ferreira Fernandes explica como se deve cuidar, alimentar durante a criação, a ensinar estas aves a capturar as presas e a se relacionarem com outros animais usados igualmente na caça.¹⁹ A domesticação delas não foi esquecida. O autor faz ainda referência ao comércio destas aves e às suas origens, pois nem todos estes animais eram apanhados em solo português. Muitos deles eram oriundos de Espanha, do Norte da Europa (Noruega e Suécia), da Irlanda e Alemanha. Do Brasil chegaram também açores, a mando do Marquês de Castelo Rodrigo, chegando a ofertar um exemplar a Filipe III.²⁰ Nem todas as aves chegavam ao reino em boas condições e com danos, segundo o autor que explica como se deve transportar, por exemplo, os açores durante as longas travessias de barco, para padecerem o menos possível.²¹

Já as doenças, as mezinhas e os tratamentos ocupam um capítulo específico. Nesta quarta parte, são apresentados os sintomas das enfermidades das aves para que as pessoas possam identificá-los, com o fim de as salvar. A ideia consistia, de facto, em alertar os proprietários e os tratadores destes animais para as doenças,

¹⁷ Diogo FERNANDES FERREIRA, *op. cit.*, p. 29.

¹⁸ Diogo FERNANDES FERREIRA, *op. cit.*, p. 27, 43, 73, 95, 123, 147.

¹⁹ Diogo FERNANDES FERREIRA, *op. cit.*, p. 60-66.

²⁰ Diogo FERNANDES FERREIRA, *op. cit.*, p. 54.

²¹ Diogo FERNANDES FERREIRA, *op. cit.*, p. 55.

sobretudo as mortais (filandras: parasitos intestinais das aves de rapinas), para apostarem na prevenção e na cura, o mais rapidamente possível.²²

Além disso, podemos encontrar uma série de procedimentos e de remédios a ter em linha conta para colmatar as diversas dolências destes animais em qualquer parte do corpo, com recursos a frutos e a plantas (lírios, azebres, ervas andorinhas e malvas) maceradas, em infusão, diluídas, etc. De igual modo, as carnes, os órgãos de outros animais, o mel, as especiarias, tais como a canela, faziam parte da terapia. Ora, vejamos a modo de exemplo, uma das indicações para purgar os falcões: “A purga se lhe dará dando-lhe primeiro de um coração de carneiro desfeito em pequenos em cosimento de xarope morno em malvas, ou de borragens, ou de raízes de lírios (...) As pílulas se fazem, as de azebre feito em pó, e com o dedo molhado em mel se ajuntam e dele fazem pílulas para os Falcões (...)”.²³ Trata-se de um remédio assinalado e referido por Pero Lopes de Ayala, a propósito da caça do falcão, segundo a menção de Diogo Fernandes Ferreira. Este último terá recebido influências do autor castelhano medieval, como podemos verificar ao longo do seu tratado.²⁴

Os cuidados de higiene a ter com as aves ao longo das suas vidas não foram esquecidos. A limpeza destes animais funcionava não só como um tratamento, mas também como uma medida preventiva. Assim devia acontecer na eliminação das gosmas (doença que afeta a língua das aves) para que não ficassem com a boca e os ouvidos atingidos.²⁵

Após a listagem dos problemas de saúde destes animais, o autor enumera algumas armadilhas e técnicas para capturar as aves no quinto capítulo, ensinado a construí-las e a pô-las em prática. Para além dos laços e das redes nas árvores, que estavam ao alcance de todas as pessoas, usavam-se outras artimanhas para apanhar as aves de cetraria. Neste sentido, empregavam-se igualmente as aves noturnas para chamar a atenção de outros rapaces. Vejamos como funciona o estratagema: “A estes bufos acodem todos os Falcões, e Açores, e Gaviões, e Esmerilhões, e todas as aves, que de rapina se mantêm, descendo a ele com fúria, dando-lhe repelões e golpes”.²⁶ Diego

²² Diogo FERNANDES FERREIRA, *op. cit.*, p. 104-105.

²³ Diogo FERNANDES FERREIRA, *op. cit.*, p. 98.

²⁴ Diogo FERNANDES FERREIRA, *op. cit.*, p. 98.

²⁵ Diogo FERNANDES FERREIRA, *op. cit.*, p. 100-101.

²⁶ Diogo FERNANDES FERREIRA, *op. cit.*, p. 124.

Fernandes Ferreira foi ainda mais além ao mencionar outras técnicas de caça levadas a cabo por outros povos, como, por exemplo, na Pérsia.²⁷

Por último, deparamo-nos com um capítulo sobre as aves em geral, mais concretamente, sobre as aves migratórias («peregrinas») que chegavam ao reino português, Espanha, França, Itália e Norte de África, para estarem temporariamente em locais com outras condições climáticas, nidificar e se alimentarem durante uma estadia sazonal. Em Portugal, estas aves podiam ser vistas em várias zonas, tais como Beja, Évora, Santarém e Coimbra. Já em Espanha, costumavam ficar por terras de Sevilha. Além disso, o autor enumera e caracteriza outros animais provenientes do estrangeiro, como os cisnes, que se podiam encontrar nos jardins das pessoas mais abastadas, com fins decorativos. Outros são tidos como exóticos, como as emas (aves semelhantes às avestruzes), provenientes do Norte de África, sendo trazida por indivíduos da comunidade muçulmana.²⁸ Nesta seção, Diogo Fernandes foi ainda mais longe ao tecer considerações sobre as aves autóctones do reino e os seus modos de vida nos respetivos habitats. É o caso das abetardas, por exemplo.²⁹

Conclusão

O homem moderno manteve uma estreita relação com as aves, em particular, as de cetraria. Estas mantinham um papel fundamental na vida quotidiana das populações rurais e urbanas. Eram um instrumento essencial na atividade cinegética que ganhava também conotações lúdicas e de preparação para a vida militar. Neste sentido, a obra *A Arte da Caça de Altenaria* tem um caráter pedagógico e didático, funcionando como um manual, onde podemos encontrar não só a descrição das aves de cetraria que se utilizavam na caça, mas também as aves noturnas, as migratórias, autóctones, exóticas, entre outras. É, graças a este tratado que temos conhecimento das origens, da alimentação, das formas de domesticar, adestrar, dos problemas de saúde, das curas, das técnicas de caça que envolviam as aves rapaces. Ou seja, este livro em análise transmite-nos portanto um sem-fim de informações sobre estas espécies e a sua importância no dia a dia das pessoas e no desenvolvimento de uma forma de atividade cinegética tão particular, com recurso às aves de cetraria.

Conhecer as obras de literatura cinegética e a fauna objeto de consideração permite-nos lançar novas pistas de investigação e, ao mesmo tempo, estamos a dar um

²⁷ Diogo FERNANDES FERREIRA, *op. cit.*, p. 136.

²⁸ Diogo FERNANDES FERREIRA, *op. cit.*, p. 135.

²⁹ Diogo FERNANDES FERREIRA, *op. cit.*, p. 158-159.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

importante contributo para a zoohistoria como uma disciplina transdisciplinar e para a análise da representações e relações entre o ser humano e os animais.

Bibliografia

- ÁVAREZ, Lorena. “Motivaciones simbólicas y materiales en la apropiación de aves de cetrería en la temprana Edad Moderna”. In: *Clio & Crimen* 11, 2014, p. 59-78. Internet, http://www.durango-udala.net/portalDurango/RecursosWeb/DOCUMENTOS/1/1_8035_3.pdf.
- CRESPO, Carlos. *Falcoaria. Arte Real*. Lisboa: CTT, 2013.
- _____. *A arte da falcoaria*. Lisboa: Edições Inapa, 1999.
- El medio natural en la España medieval. Actas del I Congreso sobre ecobistoria e historia medieval*. Ed. Julián Clemente Ramos. Cáceres: Universidade de Extremadura, 2001.
- FRADEJAS RUEDA, José Manuel. “Placear, voz de la cetrería moderna”. In: *Archivo de Filología Aragonesa* 59-60, 2002-2004, p. 423-436.
- _____. *El Arte de Cetrería de Federico II*. Madrid: Biblioteca Apostólica Vaticana, 2004.
- _____. “La versión castellana del Livro de Falcoaria de Pero Menino de Gonzalo Rodríguez de Escobar”. In: *Incipit. Boletín anual del Seminario de Edición y Crítica Textual* 30, 2010, p. 40-109.
- _____. “Aproximación a la literatura cetrera portuguesa”. In: *eHumanista. Journal of Iberian Studies* 8, 2007, p. 197-226. Internet: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2380287>.
- FERREIRA, Diogo Fernandes Ferreira. *A Arte da Caça de Altanería*. Lisboa: Livros Horizonte, 2006.
- MORALES MUNIZ, Dolores-Carmen. “Zoohistoria. Reflexiones acerca de una nueva disciplina auxiliar de la ciencia histórica”. In: *Espacio, Tiempo y Forma. Serie III. Historia Medieval* 4, 1991, p. 367-383.
- MORGADO GARCÍA, Arturo. “Visiones del mundo animal en la España Moderna”. In: *Revista de Historia Moderna. Anales de la Universidad de Alicante* 29, 2011, p. 121-137. Internet, http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/25518/1/RHM_29_05.pdf.
- NEVES, Baeta. “Subsídios para a história da falcoaria em Portugal”. In: *Separata do Boletim da Sociedade de Geografia*. Lisboa: 1983, p. 21-46.
- OLMOS DE LEÓN, Ricardo M. Olmos de León. “Medicina animal en la Baja Edad Media Hispánica y su relación con la medicina humana: aves, perros y caballos”. In: *Annuario de Estudios Medievales* 43, 2013, p. 199-24.
- RODRIGO ESTEVAN, María Luz. “Cazar y comer caza en el Aragón medieval: fueros, normativas, prácticas y creencias”. In: *El Ruego. Revista de Estudios Históricos y Sociales* 5, 2004, p. 59-124.
- SMITHBAUER, Déborah Dietrick e FRADEJAS RUEDA, José Manuel. “Bases para una edición crítica del Libro de la caza de aves de Pero López de Ayala”. In: *Revista de Filología Española* 1, 2012, p. 43-70.